

MATRIZES TEÓRICAS QUE INFLUENCIAM A PRODUÇÃO DO CONHE- CIMENTO DO LAZER NO BRASIL: REFLEXÕES INICIAIS

Fernanda Santos da Costa¹
Doralice Lange de Souza²

Resumo

Este estudo propõe apresentar algumas principais matrizes teóricas que contribuíram para o desenvolvimento dos estudos do lazer no Brasil. Assim como apontar algumas reflexões iniciais, vislumbrando o alargamento da compreensão deste fenômeno.

Palavras-chave: *Lazer; matrizes teóricas; pesquisa.*

Introdução

De acordo com Magnani (1984, p.11), “o lazer [...] é parte integrante da vida cotidiana das pessoas e constitui, sem dúvida, o lado mais agradável e descontraído de sua rotina semanal”. Apesar de sua relevância social, no entanto, o lazer, durante muito tempo, foi tido como tema de menor importância na esfera acadêmica (MAGNANI, 1984).

O processo de discussão do lazer no Brasil intensificou-se, segundo Magnani (2000) a partir dos anos 70 tendo alguns estudiosos tomado consciência de que muitos dos conceitos ligados à esfera do trabalho e da política não conseguiam por si só explicar a dinâmica do processo cotidiano. Isto ocorreu em contraponto à idéia de alguns pesquisadores que, segundo o mesmo autor (MAGNANI, 1984), apontavam à existência de “coisas mais sérias” a serem estudadas. Assim, gradativamente passou-se a vislumbrar no lazer um elemento que ampliava a possibilidade de compreensão da realidade, a partir de uma nova perspectiva.

Analisando o cenário atual, a pesquisa de Alexandre Pierre Teixeira de Souza e Hélder Ferreira Isayama (2006) revela a existência de 81 grupos de estudos do lazer cadastrados no CNPq, nas mais diversas áreas, sendo que a Educação Física é a área que mais produz sobre lazer no Brasil. Existem 36 grupos de pesquisa – na área da Educação Física – cadastrados junto ao CNPq, ou seja, 44% do total dos grupos. Além disto, 20% das dissertações e teses sobre lazer defendidas no país pertencem a esta área (SOUZA e ISAYAMA, 2006).

Esta pesquisa visa apresentar o resultado de um estudo onde, buscamos a partir dos estudos publicados pelo Congresso Brasileiro de História do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança as principais matrizes teóricas do lazer que tem influenciado a produção dos pesquisadores brasileiros do campo do lazer. Na seqüência iremos discorrer sobre cada matriz, sendo elas aqui identificadas como: a teoria da classe ociosa do sociólogo americano Thorstein Veblen (1965); a indústria cultural dos sociólogos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer (1986); a busca da excitação do também alemão Norbert Elias e do inglês Eric Dunning; a sociologia empírica do lazer do sociólogo francês Joffre Dumazedier; e a isenção das obrigações³ do cientista político americano Sebastian de Grazia (1966).

¹ Aluna do Mestrado em Educação Física da UFPR

² Professora Doutora do Departamento de Educação Física da UFPR (Orientadora)

³ Termo que define o que vem a ser o lazer na perspectiva de Sebastian De Grazia (BRUNHS, 2002).

Matrizes teóricas

A teoria da classe ociosa

Apresentada por Veblen (1965), a teoria da classe ociosa se centra em questões relativas à emergência e consolidação da sociedade privada e da classe ociosa. A idéia central da teoria é que a classe ociosa demonstra seu status e a sua posição social através da ostentação do excesso (seja ele tempo ou dinheiro) e do afastamento das atividades produtivas e rotineiras. O consumo de bens e a fruição de determinadas atividades de lazer, combinados a exibição destes fazem parte dos hábitos destes indivíduos e significam a manutenção do seu prestígio social.

De acordo com esta teoria, o trabalho, e em especial o trabalho industrial, tem como característica a rotina, o que não agrega a esta atividade nenhum elemento de façanha, que segundo Veblen, é imprescindível para a “respeitabilidade” do indivíduo. Conforme argumenta o autor “as funções dignas são aquelas em que intervém um elemento de proeza ou façanha, funções indignas são as diárias e rotineiras em que nenhum elemento espetacular existe” (VEBLEN, 1983, p. 8). Dessa maneira, segundo a teoria da classe ociosa, o lazer supõe a existência do trabalho, e não somente a existência do mesmo, mas também a sua negação pela ociosidade. Assim, de acordo com esta teoria, ócio e lazer são sinônimos.

Para caracterizar o distanciamento do trabalho, era importante que os integrantes da classe ociosa tivessem uma vida pública discreta, no sentido de não estarem se expondo continuamente. O tempo longe do expectador contribuía para respeitabilidade. Contudo, quando se apresentavam aos demais, deveriam fazê-lo demonstrando sua condição de classe ociosa, ostentando os excessos. Pilatti sintetiza a idéia geral da teoria de Veblen da seguinte forma:

Para ele [Veblen], pessoas de classes superiores, naquela época e em todas as anteriores, utilizavam o excesso proporcionado pela sociedade primordialmente para propósitos inúteis (coisas não-serviis à vida humana ou ao bem estar do homem na sua totalidade). Seus estilos de vida não eram orientados de forma racional, serviam apenas para fins impressionistas à medida que esses eram possuidores desse excesso, dominando assim seus inferiores. Os quais, por sua vez, não mediram esforços para melhorar seus status, gastando até o limite de suas posses. (PILATTI, 1998, p.1-2)

De acordo com esta teoria, a ostentação existe para que os indivíduos se legitimem enquanto classe ociosa. Dessa maneira não se trata de algo supérfluo, mas como necessidade afirmação desta classe. A determinação do que vem a ser necessário é orientado pelo consumo conspícuo, ou seja, o consumo com fins exibicionistas, ostentatório. De acordo com este conceito não basta se ter mais que os outros, deve-se sobrepujar aquele que tem menos.

Além da aquisição e acúmulo de propriedades privadas e bens como vestimenta e artigos para a casa, o consumo conspícuo tem como uma de suas importantes bases a aquisição imaterial de bens. O conhecimento das ciências, da ortografia, da língua morta (o latim), dos jogos, dos esportes, e principalmente o refinamento do bem vestir e do bem portar-se (decoro), garantiam a classe ociosa um senso de superioridade. O dispêndio do tempo para aquisição e incorporação destes e de outros hábitos seria improvável sem o afastamento das atividades produtivas.

A maioria dos estudos de pesquisadores brasileiros, que tiveram esta teoria como fundamento de pesquisa, pinçaram elementos, que pudessem contribuir para

compreensão do lazer. Oliveira (1996) e Pilatti (1998) foram dos pesquisadores que discorreram sobre esta teoria. Estes autores apropriaram-se principalmente o conceito de consumo conspícuo para traçar conexões com o lazer.

A indústria cultural

A expressão “indústria cultural” foi cunhada por Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno, em sua obra *Dialética do Esclarecimento*, escrita em colaboração com Max Horkheimer. Esta expressão foi usada de forma a opor-se ao termo cultura de massas, que fora antes utilizado por Adorno. A substituição da expressão se deu uma vez que estes autores acreditavam que a última dava a entender que a cultura era proveniente das massas. Na realidade era um tipo de cultura feito para ser consumido pelas massas, mas que não tinham necessariamente surgido a partir das mesmas.

A preocupação dos autores estava em apontar a importância que a indústria cultural começava a assumir na sociedade após a segunda guerra mundial, conduzindo a sociedade de maneira sutil, sem muita resistência por parte dos indivíduos (ADORNO; HORKHEIMER, 1986).

Adorno e Horkheimer (1986) utilizavam o termo indústria cultural para estabelecer uma crítica à lógica da produção que estava sendo imposta à arte, o que se assemelhava a lógica de uma indústria. De acordo com eles, a transformação da arte em mercadoria fazia com que os indivíduos perdessem a sua capacidade de compreendê-la. Os indivíduos passavam apenas a consumir o que lhes era apresentado, sem tomar consciência de que isto acontecia e sem refletir sobre o que consumiam. Esse processo de perda da capacidade esclarecida do sujeito levava a fragmentação não apenas da arte, mas principalmente na perda da idéia de sujeito. Para os autores a existência do sujeito está intrinsecamente ligada a capacidade esclarecida do mesmo, ou seja, a capacidade deles terem consciência da realidade da qual fazem parte.

Segundo Adorno e Horkheimer (1986), através do rádio e do cinema, os indivíduos foram levados a um processo de regressão do entendimento. Para os autores “a superioridade do homem está no saber” (ADORNO, HORKHEIMER, 1986, p. 19), e o que a indústria cultural fazia era afastá-los do esclarecimento buscando uma homogeneidade. Desta forma, “a técnica da indústria cultural levou apenas a padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social” (p.114).

De acordo com Adorno e Horkheimer (1986, p.113) “o cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto”. Os diversos produtos apresentados pela indústria cultural procuram sempre a padronização, através de uma falsa ilusão de escolha. Os autores salientam ainda que “o cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio” sendo utilizados “como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositadamente produzem” (ADORNO, HORKHEIMER, 1986, p.114). Também para estes autores, além da falsa ilusão de escolha, da padronização e da deformação que impõe a arte, a indústria cultural apresenta produtos sem utilidade e com objetivos meramente comerciais.

Apesar de a indústria cultural tratar de uma forma de lazer apenas, forma esta ligada, de maneira mais enfática, ao cinema, ao rádio e a televisão, alguns pesquisadores brasileiros apontam para uma tendência cada vez maior de um lazer centrado nos produtos da indústria cultural (Vaz, 2006).

Sociologia empírica do lazer

A sociologia empírica do lazer, apresentada por Dumazedier (1976), segundo ele mesmo, busca opor-se ao tipo de pesquisa que estava sendo realizada sobre o lazer na Europa durante as décadas de 50 e 60. Esta vertente de estudos do lazer busca explicar o lazer a partir de evidências empíricas, visando superar o que o autor percebia como trabalhos “sem qualquer fundamentação”.

Lazer, segundo a Sociologia Empírica do lazer é orientado pelas seguintes características:

Este tempo é outorgado ao indivíduo pela sociedade quando este se desempenhou, segundo as normas sociais do momento, de suas obrigações profissionais, familiares, sócio-espirituais e sócio-políticas. É um tempo que a redução do trabalho e das obrigações familiares, a regressão das obrigações sócio-espirituais e a liberação das obrigações sócio-políticas tornam disponível; o indivíduo se libera a seu gosto da fadiga descansando, do tédio divertindo-se, da especialização funcional desenvolvendo-se de maneira interessada as capacidades do seu corpo ou do seu espírito. Este tempo disponível não é o resultado de uma decisão de um indivíduo, é, primeiramente, o resultado de uma evolução da economia e da sociedade. Como já dissemos mais acima, é um novo valor social da pessoa que se traduz por um novo direito social, o direito dela dispor de um tempo cuja finalidade é, antes, a auto-satisfação (DUMAZEDIER, 1974, p. 91-92).

O entendimento de lazer segundo esta perspectiva propõe que este deve ser pensado como uma das atividades do tempo livre, e não como o mesmo. Além disso, propõe que o lazer não é algo que sempre existiu em todas as sociedades. Ele tem constitutivo que o caracterizam apenas a partir da Revolução Industrial. Em poucas palavras, segundo Dumazedier, o lazer pode ser definido como:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1976, p. 34).

Uma definição que tem como característica fundamental a liberdade individual de escolher em que se ocupará durante o lazer. Uma autonomia, que os autores que discutem a indústria cultural apontam como falsa ilusão, mas que para sociologia empírica do lazer é ponto de partida para compreensão do fenômeno. O indivíduo é categoria central na análise da sociologia empírica, é a partir dele, de sua livre escolha que o lazer é pensado.

A idéia que sintetiza a proposta de Dumazedier em relação a sua obra pode ser observada quando o autor afirma que:

A sociologia empírica do lazer não pode colocar senão os problemas que podem resolver. Ela não pretende solucionar todos os problemas que o filósofo pode e deve evocar no que concerne à *condição global do homem*. Mas se trata de estabelecer fatos sociais, ou de predizer sua evolução sob o nome de civilização do lazer o recurso à observação e à previsão torna-se imprescindível para toda *demonstração sociológica* (DUMAZEDIER, 1974, p. 244).

Apesar desta proposta da sociologia empírica do lazer ser toda fundamentada em uma preocupação com evidências observáveis de fato no lazer, autores como Cavichioli (2004) apontam que a teoria se apresenta enquanto um ideal de lazer, um vir a ser que não é comprovado empiricamente como possível. Mesmo com a crítica de alguns pesquisadores, é inegável que a sociologia empírica do lazer estabeleceu um marco no desenvolvimento das pesquisas do lazer no Brasil. Uma vez que serviu de base fundamental para as pesquisas de estudiosos de referência no país como: Luis Otávio de Lima Camargo; Heloísa Turini Brunhs; e Nelson Carvalho Marcelino.

A busca da excitação

Norbert Elias e Eric Dunning apresentam na obra *A busca da excitação* que uma das principais características do lazer esta em satisfazer emoções, através da experimentação em público de emoções que são controladas pelo cotidiano social. (ELIAS; DUNNING, 1992).

Segundo estes autores, existem tensões em todas as esferas da vida, incluindo o lazer. Embora tais tensões sejam similares tanto nas atividades rotineiras quanto no lazer, nas últimas os indivíduos têm a possibilidade de empregar respostas distintas daquelas que apresentam em seu cotidiano. Enquanto nas atividades rotineiras os indivíduos precisam controlar as suas emoções, no lazer elas podem exercer certo descontrole das mesmas. Ou seja, no lazer é socialmente aceito o expressar de emoções que em outras esferas da vida devem ser controladas. Além de permitir o extravasamento de emoções, o lazer também é uma esfera de renovação destas.

Os pesquisadores brasileiros que tem refletido a partir desta matriz, procuram as relações entre a busca de emoções e algumas práticas de lazer. Dentre estas práticas se destacam os esportes, e ainda de forma mais enfática o futebol e os esportes de aventura.

Isenção das obrigações

A matriz “isenção das obrigações” (DE GRAZIA, 1966), assim como a sociologia empírica do lazer (de Joffre Dumazedier) são as únicas vertentes aqui apresentadas que discutem especificamente a questão do lazer, o que não desqualifica as demais. No caso das outras teorias, elas servem como subsídios para o trabalho de teóricos do lazer.

De Grazia (1966) discute o que ele veio a considerar “confusão” entre lazer e tempo livre. Segundo a proposta deste autor, estas duas esferas pertencem a dois mundos distintos, pois o tempo livre é privilégio de todos, entretanto o lazer tem sido um privilégio de poucos. Não basta se ter tempo livre, precisa-se ter a possibilidade de, de fato, se fazer o que se quer ou de simplesmente não se fazer nada, se este for o desejo do indivíduo (BRUHNS, 2002).

Os autores que têm discutido lazer a partir desta perspectiva apontam que frente à realidade atual de supervalorização do trabalho diante da lógica da produção, o ócio (entendido aqui como sinônimo do lazer) assume um caráter desvirtuoso, algo inaceitável (MELO, 1996). Como o lazer se coloca como um ideal de afastamento das obrigações, este adquire também esta conotação negativa.

Considerações Iniciais

Apresentar algumas principais matrizes teóricas que contribuíram para o desenvolvimento dos estudos do lazer no Brasil é extremamente relevante. Entretanto ao fazê-

lo observamos – sem negar a importância de cada uma destas matrizes – que grande parte dos trabalhos de pesquisa sobre o lazer desenvolvidos no Brasil tem se apoiado de forma quase que exclusiva em referenciais teóricos já bem estabelecidos como os citados acima, deixando outros referenciais de lado que talvez pudessem ser mais relevantes para auxiliá-los na compreensão das manifestações de lazer estudadas. Em muitos casos a coleta de dados tem servido apenas para comprovar e fortalecer a teoria utilizada como referência. Nesse sentido, muitos estudos acabam por não transcender a própria teoria na qual foram fundamentados.

Como afirma Magnani (2000), o lazer é um fenômeno multidimensional e as características do mesmo devem ser melhor discutidas. Dessa maneira, acreditamos que o lazer talvez não signifique unicamente afirmação e demonstração de status social, como aponta Veblen (1965), ou busca de emoção, como afirmam Elias e Dunning (1992), ou alienação, que enfatizam Adorno e Horkheimer (1986), ou isenção das obrigações, que realça De Grazia (1966), ou ainda transformação social, como acreditava Dumazedier (1974). Dependendo da situação concreta dos sujeitos, ele pode ser uma coisa ou outra, ou também diversas delas ao mesmo tempo.

A busca da explicitação das complexidades do fenômeno lazer é significativa na medida em que muitas vezes as pessoas aderem a uma perspectiva sem tomar consciência de que esta visão sozinha não dá conta de explicar o todo. Nesse sentido, as teorias podem ser complementares, mesmo que aparentemente pareçam contrárias. Conforme discutem os adeptos do paradigma da complexidade, um fenômeno não precisa ser uma coisa ou outra, pode ser uma e outra, ao mesmo tempo, ou nenhuma delas. Pode ainda ser algo nunca explorado (MORIN, 2002).

Nesse sentido, sem desmerecer a relevância destas matrizes, e até mesmo em uma tentativa de superá-las, atentar para as evidências empíricas concretas, a partir da perspectiva dos sujeitos e de como estes sujeitos vivenciam o seu lazer, pode ser uma possibilidade a ser explorada nos estudos do lazer.

REFERÊNCIAS

ADORNO; Theodor W; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

BRUNHS, Heloisa Turini. **Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes**. São Paulo: Chronos, 2002.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato. **Abordagens do lazer no Brasil: um olhar processual**. 2004. 216 f. BBE. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2004.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato. **Difusão do sistema de crenças sociais na pesquisa do lazer**. In: CARVALHO, Alonso Bezerra de. BRANDÃO, Carlos de Fonseca (Org.). **Introdução à sociologia da cultura: Max Weber e Norbert Elias**. Campinas: Avercamp, 2005.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ELIAS, Norbert. DUNNING, Eric. **A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional**. Trad. Maria Manuela Almeida Silva. Lisboa: Difel, 1992.

- ELIAS, Norbert. **A sociedade da corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GRAZIA, Sebastian de. **Tiempo, trabajo y ocio**. Madrid: Tecnos, 1966.
- MAGNANI, José Guilherme C. **Lazer: um campo multidisciplinar de pesquisa**. In: BRUHNS, Heloísa T.; GUTIERREZ, Gustavo Luís (Org.) O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular na cidade. São Paulo: Edusp, 1984.
- MARCELLINO, Nelson de Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 4ª ed., 1998.
- MELO, Cristiane Ker de. **O novo ócio ativo na perspectiva de Sebastian de Grazia**. Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Belo Horizonte, 1996.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Veblen e a Sociologia do Lazer**. In: IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Belo Horizonte, 1996.
- PILATTI, Luiz Alberto. **A interpretação dos esportes nos escritos de Thorstein Veblen**: um olhar na história social. In: VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.
- SOUZA, Alexandre Pierre Teixeira de. ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer e educação física: análise dos grupos de pesquisa em lazer cadastrados na plataforma LATTES do CNPQ**. Revista Digital Lecturas. Buenos Aires, 2006 Disponível em: www.efdeportes.com/efd99/cnpq.htm Acesso em: 10 ago. 2007.
- VAZ, Alexandre Fernandez. **Reflexões de passagem sobre o lazer**: notas sobre a pedagogia da indústria cultural. Revista Pensar a prática. Volume 9. Goiânia: UFG, 2006. Disponível em: <http://revistas.ufg.br/index.php/fe/article/view/122/117> Acesso em: 02 set. 2007.
- VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**: um estudo econômico das instituições. São Paulo: Pioneira, 1983.